



Gênero

As Constelações de Evas e a costela de Adão : O eco dos Ecos das almas femininas

AUTOR

Eduardo Ribeiro da Fonseca – Doutor e mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea; professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR, coordenador da linha de pesquisa Filosofia da Psicanálise; coordenador do GT Filosofia e Psicanálise e membro do GT Schopenhauer da ANPOF; membro da Seção Brasileira da Schopenhauer - Gesellschaft. Prêmio Jabuti com o livro *Psiquismo e vida: O conceito de impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*; tradutor dos *Complementos* ao livro *O Mundo como Vontade e Representação*, de Arthur Schopenhauer, em dois volumes; Prêmio Jabuti na categoria Tradução. Avaliador ad hoc de livros CAPES

Com a coletânea de poemas, crônicas e contos “ECOS da Alma Feminina”, organizado por Graciela Sanjutá Soares Faria e publicado pelo Instituto Memória Editora, de Curitiba, Paraná, em 2022, as autoras oferecem à comunidade de língua portuguesa uma resposta à famosa questão freudiana: “o que quer uma mulher?” A resposta a essa pergunta, como se pode observar na obra, segue um itinerário peculiar em meio ao conjunto de textos publicados, o que faz do livro um comentário, ao certo, mas, acima de tudo, um conjunto de interpretações possíveis, plausíveis e justificáveis da Psicanálise a partir de possibilidades deixadas por Freud em sua obra e nos desdobramentos a partir da Psicanálise lacaniana. E, mais além, a partir da peculiaridade autoral e estilística de cada uma das autoras, que

não necessariamente radicam seus textos no horizonte presumível da Psicanálise. E por que o fariam, já que a pergunta instiga o feminino para além e além de uma posição puramente psicanalítica e nos sugere, inclusive, uma reinterpretação da própria psicanálise a partir de visões contemporâneas ancoradas na subjetividade autoral e artística dessas mulheres e autoras, que se expressam a partir de si mesmas ecoando essas almas que, ainda que reverberem a mesma questão, são em si mesmas irreproduzíveis, isto é, tragam em si mesmas o caráter singular de uma experiência humana? Cada interpretação, cada autora, Amanda Maria Leite, Angélica Nepomuceno Xavier, Caroline Coradini Silva, Daniele Moscardi, Danielle Lourenço, Flávia Diniz Roldão, Francisca Rasche, Guísela Marzinkowski, Graciela Sanjutá Soares Faria, Jéssica Caroline dos Santos, Patrícia Cres Napoleone Giovanetti e Rosemeri Tomai segue seus próprios passos pelo percurso proposto, e se pode observar a riqueza como se movem naquele conjunto labiríntico de escritos, suas opções, sua metodologia, sua clareza e sua obscuridade, e o modo como cada uma tece a teia de sua argumentação e de sua expressividade, passando com sutileza do que já é conhecido por nós dessa questão fundamental para o inusitado e inesperado. São escritos que, embora enunciem desde o início o seu propósito, só o revelam de fato em toda a sua complexidade e consequências no conjunto que fazem, como uma tecitura complexa e digna de ponderação. No final da trilha, deparamo-nos com respostas que são em si mesmas

novas interrogações sobre o feminino. Inicialmente, cabe observar que, nessa obra, as autoras se mantêm fiéis a alguns pontos centrais de uma interpretação geral do pensamento de Freud, e que já nortearam vários outros trabalhos publicados sobre o tema em diversos idiomas. Em especial, neste livro, noções tais como as de desejo, em geral, e de desejo feminino, em particular, ecoam a partir de cada um dos escritos. E, com elas, questões ligadas ao amor e ao enamoramento, à corporeidade, aos encontros e desencontros com o masculino, à maternidade e a sua possível recusa, ao reconhecimento da diferença em geral e da diferença sexual em particular, à autonomia da mulher, ao encontro com a palavra e com a expressividade artística, ao sofrimento e à loucura, à infância e à menina dentro da mulher, ao sonhar e ao morrer, às limitações e às possibilidades do feminino, à identidade racial, à existência durante a pandemia, à memória e às recordações, à generosidade, dentre tantas outras que se abrem a partir desta obra.

O que faz acentuar também o caráter polêmico da obra é a maior atenção à pluralidade das posições possíveis acerca do que significa ser mulher e estar no mundo, sujeita às contradições e às repetições ligadas ao padecer e ao se queixar, mas também infensas ao atuar e ao se manifestar em torno de uma questão fundamental que lhes toca, aliás, a tônica e o ponto de partida da própria obra. Isto é, mulheres que se inscrevem



e se escrevem tomadas pelo desejo da singularidade, em meio à condição dada na linguagem e na sociabilidade que as leva do mal-estar ao prazer, da angústia à realização como mulheres. Ouvindo o ecoar dessas vozes em suas presenças escritas, paro para pensar um pouco no sentido de tudo isso.

Afinal, o que pode querer alguém que se reconhece como mulher?

A pergunta freudiana sobre o que quer uma mulher parte do pressuposto de que existe em algum lugar e de algum jeito “a mulher”, ou seja, uma mulher enquanto gênero e que esse gênero seja algo tal como um continente misterioso, obscuro, talvez confuso, quicá lacanianamente inexistente, ou que, pelo menos, não encontra o seu centro em si mesmo. A mulher, dessa perspectiva, eternamente contornaria seu próprio núcleo significativo, em movimento semelhante à translação de um astro em torno de seu sol, que, nesse caso, estaria perpetuamente ancorado e giraria em torno do masculino e da masculinidade, em revoluções sem fim, como se esse masculino produzisse uma força gravitacional de magnitude muito superior à sua, a qual seria, comparativamente à do homem, insignificante. Como se o masculino e tudo aquilo que representa a masculinidade fosse o sol que ilumina o continente perdido do feminino, e que só a partir desse elemento masculino em torno do qual gravita, a mulher pudesse

ser e estar no mundo. O masculino que é confundido com o simbólico e que, como força dominante e pressuposto da mulher, mesmo que apenas no âmbito da linguagem da qual tudo isso se estrutura, definisse-a pelo avesso. Portanto, não haveria um significante para mulher. E que a mulher, tomada de um ponto de vista ideal, fosse a esposa, a mãe, para sempre secundária em sua própria existência.

O que quer uma mulher é, portanto, uma questão mal colocada, se não for colocada por uma mulher e a partir de seus próprios anseios e particularidades e, nesse sentido, se não há um bom conceito a respeito, há que se conceber uma boa metáfora, ou boas metáforas. A arte de um modo geral, e a literatura e a poesia, de um ponto de vista mais específico, proporcionam excelentes pontos de partida para todas as questões últimas, cruciais, fronteiriças, em relação às quais o nosso discernimento esbarra como diante dos muros de algo desconhecido ou mal concebido. Tal é o mérito desse livro que ora temos diante de nós e ao qual saúdo pela importância da discussão que promove e ecoa em nós.

É certo que as noções de mulher, de feminilidade, de desejo feminino são, para o conhecimento, obscuras. Não porque conheçamos melhor, por exemplo, o que seja um homem, ou o que seja um ser sexuado em geral. Pois se, por um lado, a questão freudiana nos remete ao legado psicanalítico no que concerne ao complexo de Édipo e, reciprocamente, ao complexo de Electra, e com isso nos remete a um ponto de vista falocêntrico

e patriarcal, machistas por excelência, há que se lembrar que Freud sim se apegou a tudo isso e sustentou essa visão patriarcal ao longo de sua existência como teórico da psicanálise, mas também, por outro lado, nos legou a noção de uma sexualidade ampliada, polimorfa, que desloca o problema da normatividade para o campo da singularidade. Nesse sentido, talvez fosse mais interessante perguntar-se: o que pode querer e viver um ser sexuado, sujeito ao desejo e à mortalidade? Mas, a remissão a essa outra pergunta não tira a importância daquela, que ecoa nesta.

Parabenizo às autoras pela importância de seu projeto e pela forma como o realizaram e recomendar a leitura da obra pelo seu alcance e pelo modo como nos instiga a refletir sobre a condição humana e feminina nesse mundo de homens, vale dizer, um mundo que desvaloriza e oprime a mulher. Sim, um mundo forjado na impostura da masculinidade, até mesmo no âmbito da linguagem, mas que, no entanto, não seria absolutamente nada sem as mulheres. E que mulheres notáveis existem e sempre

existiram: Safo, Hipátia de Alexandria, Emily Brontë, Virginia Woolf, Marie Curie, Bertha Lutz, Rosa Luxemburgo, Clarice Lispector, Billie Holiday, Eliseth Cardoso, Frida Kahlo, Angela Davis, Janis Joplin, Maria da Penha, Malala Yousafzai, Greta Thunberg que, dentre tantas outras mulheres formidáveis, ajudam a reescrever a história do mundo através do próprio exemplo de protagonismo, de talento e de afirmação para além do ressentimento e da revolta, apesar de tantos crimes que são cometidos em nome do preconceito contra a mulher, sejam eles o simples abafamento de suas personalidades, sejam o estupro e o feminicídio. É por demais importante que nos questionemos acerca do lugar do desejo feminino a partir de seu próprio centro e da própria personalidade e capacidade das mulheres, cada vez mais senhoras de seus próprios mundos e cada vez mais brilhando e fazendo ecoar suas vozes e sua maneira de fazer as coisas. Meus parabéns às autoras e aos leitores que poderão desfrutar das decisivas e decididas páginas deste significativo livro.